4 CONTOS

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

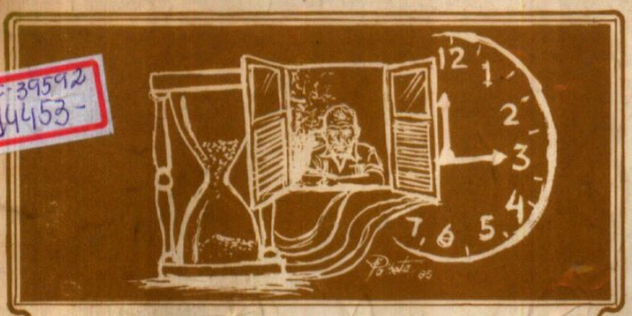
de Peri Augusto

EDIÇÕES ARTE—EDUCAÇÃO

CONTOAMAZONENSE N.º 01/85

Governo do Estado do Amazonas / Secretaria da Educação e Cultura / Coordenadoria de Assuntos Culturais.

SEC-39592
-14453-
AMM
2005



O VELHO DA JANELA

Todos os dias o octagenário Freitas postava-se à janela para apreciar o movimento da rua. Pela manhã, pela tarde e pela noite. Só deixava de fazê-lo quando o artritismo incurável, que o perseguia de longa data, prendia-o ao leito. A não ser um vizinho ou outro, ninguém o cumprimentava, embora tivesse sido pessoa bem ralacionada na cidade, ao tempo em que exercia o cargo de fiscal do Imposto de Consumo.

Melancólico o fim de vida do velho Freitas. Quando a esposa faleceu, já aposentado, perambulou pelas casas das três filhas casadas, sendo sempre enxotado. Uma alegou que não tolerava a rabugice do pai. Outra pretextou que que o velho estragava os netos. A terceira, a mais velha, dama da sociedade, argumentou que ele lhe prejudicava os compromissos sociais. Não foi bater com os costados no asilo porque o único filho varão, o mais pobre, por necessitar de ajuda financeira, deu-lhe abrigo. A nora, humana e compreensiva, talvez por ser estéril, dispensava ao sogro muito carinho. Dedicava ao velho o afeto que seria dos filhos se os tivesse.

Freitas, temperamento preconceituoso e irascível, por qualquer motivo censurava a nora. Bastava que ela usasse um "short", dentro de casa, quando o calor estava brabo, para admoestá-la:

— Cubra suas partes. Onde já se viu mulher andar nua.

Belinha era o nome dela. Tolerante, esboçava um sorriso e explicava:

— Painho, o calor está insuportável.

O velho Freitas, moralista, apegado ao passado, não admitia a evolução dos tempos. Não tolerava o uso de camisas esportes pelos homens e muito menos calças masculinas pelas mulheres. Todos os males da terra, atribuía-os à dissolução dos costumes. Quando lia um jornal, o que raramente fazia por causa da vista cansada, se visse fotografia de mulher de biquini, rasgava-o, com revolta, em sinal de protesto. Tinha ojeriza à televisão por peverter os costumes.

Uma vez por mês saía à rua. Quando ia ao centro para receber o dinheiro da aposentadoria no banco. Era sempre acompanhado pelo filho ou pela nora. Nessas ocasiões retirava o pijama e metia-se no surrado terno azul-marinho de casimira Aurora. A gravata borboleta de tão velha parecia um trapo. Os sapatos pretos não sabiam o que era graxa.

O filho, quando o pai passou a viver em companhia dele, a princípio procurou convencê-lo de não realizar a trabalhosa e incômoda ida ao banco. Sugeriu que lhe estabelecesse procuração para receber o dinheiro. Mas o velho Freitas reagiu de forma irritada e com grosseria inconcebível:

— Você quer me roubar, maroto.

Recebido o dinheiro da aposentadoria no banco, o velho Freitas atravessava a rua e dirigia-se à agência da Caixa Econômica Federal, que ficava bem em frente, onde fazia depósito na sua carteira de poupança. Reservava apenas o necessário para pagar a luz, a água e o telefone da casa do filho, despesas que assumia espontaneamente, e alguns trocados para comprar frutas no decorrer do mês.

As três filhas dificilmente o visitavam. Esqueciam até a data natalícia do pai. Uma vez por outra telefonavam para saber do estado de saúde do velho. A mais velha, granfina metida a sebo, que levava o marido à rua da amargura, com suas despesas supérfluas, vivia a sonhar com a morte do pai. Se ele morresse, assim que botasse a mão na herança, compraria carro novo, capaz de dar-lhe maior "status" do que o Fusca que possuía.

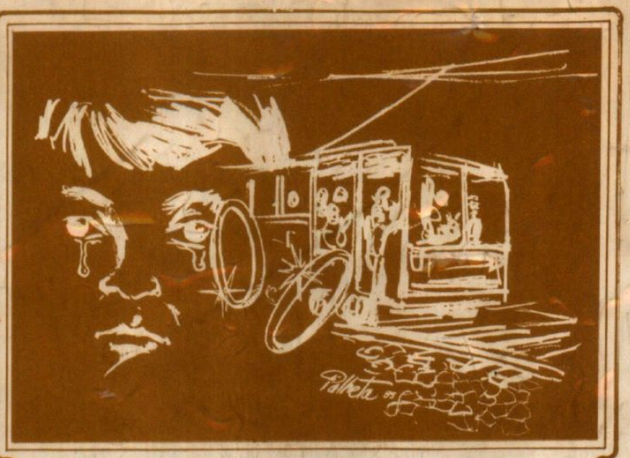
Nos seus prolongados silêncios, debruçado à janela, o velho Freitas via a vida passar. Detestava os domingos quando a rua quase não tinha movimento. Gostava da noite porque observava a juventude descontraída, alegre e ruidosa do colégio, localizado defronte à casa do filho. Mas abominava os costumes para ele exóticos. Não concebia tamanha liberdade. Um casal jovem, trocando carícias, aos beijos e abraços, era caso de polícia. Os rapazes, no entender dele, eram devassos e as moças prostitutas em potencial.

Quando observava a intimidade dos jovens, recordava-se da sua mocidade. Lembrava-se da falecida esposa, Carolina. Conhecera-a numa festa de aniversário declarou-lhe amor. Um mês após, com a devida permissão dos pais de Carolina, que viam em Freitas bom partido, pois já era funcionário da Delegacia Fiscal, freqüentava a casa do futuro sogro. Três vezes por semana, à noitinha, num namoro policiado, cuja duração não ultrapassava meia hora. Só depois de namoro policiado, cuja duração não ultrapassava meia hora. Só depois de noivo, com a data de casamento já marcada, Freitas teve permissão de levar Carolina ao cinema. Pela primeira vez trocaram um beijo furtivo. Carolina, no casamento com Freitas, não experimentou o amor em toda a extensão. Foi, todavia, esposa fiel e dedicada, dando-lhe, como coroamento do matrimônio quatro filhos.

O octagenário Freitas conservou a lucidez até o final da vida. Teve o que se costuma chamar a morte dos justos. Certa noite, depois da ceia, quando comeu coalhada e torradas com café, recolheu-se ao quarto, localizado no fundo da casa, depois da cozinha. Era a dependência destinada à empregada, mas como o filho e a nora não se davam ao luxo de tê-la, tornou-se a morada do velho. Na manhã seguinte, ao levantar-se, Belinha estranhou que o sogro não estivesse acordado. Era o primeiro da casa a despertar todas as manhãs. Dirigia-se então para sala de visitas, abria a janela e ali permanecia, acompanhando os primeiros movimentos, até que a nora fosse chamá-lo para fazer desjejum. Belinha bateu à porta do quarto e não teve resposta. Apreensiva, apressou-se em chamar o marido, que ainda dormia apesar do adiantado da hora. Como ambos, na segunda investida, não obtivessem resposta, botaram a porta abaixo. O velho Freitas estava morto, fulminado por colapso cardíaco, o que se veio a saber, posteriormente, com a autópsia de praxe.

O velório do velho Freitas, no necrotério da Santa Casa de Misericórdia, não foi concorrido. Apenas os filhos, os genros e a nora, alguns vizinhos e raros curiosos. Após o sepultamento, a filha mais velha, que ansiava pela morte do pai, perguntou ao irmão se ele sabia quanto o velho deixara na Caixa. Respondeu que desconhecia. Ela, ávida para por a mão na grana, ao sair do cemitério, dirigiu-se à casa do irmão. Vasculhou o quarto onde o pai morava, à procura dos comprovantes dos depósitos feitos na caderneta de poupança. Encontrou-os numa gaveta do guarda-roupas. Havia quase um bilhão de cruzeiros. Encontrou também testamento, do qual o velho Freitas jamais falara e nem se sabia como fora feito, em que legava tudo o que possuía à nora Belinha.

Não houve acirrada demanda judicial pela herança porque Belinha, acostumada à pobreza, despreendida, sugeriu que o dinheiro depositado fosse dividido em partes iguais pelos quatro irmãos, o que foi aceito com satisfação geral. Com a parte que lhe tocou, Belinha reformou a casa, inclusive na parte da frente, suprimindo a janela, onde o velho Freitas curtia seus ócios. Alguns transeuntes, que habitualmente passavam pela rua, notaram a ausência do velhinho à janela, que ali ficava horas a fio, em atitude contemplativa de aparente indiferença, mas que na realidade observava o tempo passar.



ALIANÇAS PERDIDAS

Os jovens são generosos. Capazes dos gestos mais largos de despreendimento. Entre os adultos não se observa idêntico comportamento. Incapazes às vezes de simples ação de solidariedade.

Por isso não constituiu admiração a atitude tomada por Santino, rapaz de uns quinze anos, compleição franzina e pálido, ao saber que seu colega Cupertino, caboclo interiorano e atarrancado, estava na impossibilidade de fazer o exame de final de ano, por estar atrasado no pagamento do último trimestre do colégio particular em que ambos frequentavam.

— Dinheiro não tenho — disse. Mas disponho de um par de alianças, que você pode penhorar e conseguir o suficiente para pagar o atrasado.

Cupertino exultou, saltou de alegria. Não estivesse na via pública seria capaz de beijar o colega, ato incomum entre os amazonenses, em sinal de agradecimento.

— Tão logo meu pai mande o dinheiro do interior — prometeu Cupertino — que está de certo atrasado por culpa dos correios, tiro as alianças do penhor para devolvê-las.

Naquele mesmo dia de novembro, ensolarado e quente, ambos foram à residência de Santino, apanharam as jóias e dirigiram-se à casa de penhor, de propriedade de um judeu, situado na rua dos Barés. Ficou convencionado que as alianças seriam penhoradas por 90 cruzeiros, para serem retiradas por 100, dentro do prazo de um mês.

Dessa forma, Cupertino liquidou o débito com o colégio, fez as provas e evitou a perda do ano letivo. Terminados os exames, Cupertino recebeu aflitivo telegrama da mãe dele, que reclamava sua presença com urgência em Humaitá, onde o pai estava acometido de febre amarela e desenganado pelos médicos. Diante da situação tão embaraçosa, Cupertino não teve tempo de procurar Santino e comunicar-lhe a triste ocorrência. Dirigiu-se imediatamente à Escadaria dos Remédios, onde por sinal encontrou um barco com hora marcada para a cidade do rio Madeira. Como conhecesse o proprietário da embarcação, comprou a passagem fiada para ser paga em Humaitá. Ao chegar ao destino, depois de quatro dias de viagem, porque o vapor navegou contra a correnteza, o pai já tinha falecido e fora sepultado.

Cupertino, que era o filho mais velho do casal, com dezesseis anos incompletos, teve que assumir a responsabilidade pela direção da casa comercial do pai. Sem tirocínio, teria ido à falência, se não fosse o auxílio dispensado por outro comerciante sírio, que em vida fora amigo do seu pai.

Os fatos se sucederam, após a morte do pai de Cupertino, rápidos, afanosos e tumultuados, fazendo com que ele esquecesse por mais de um mês o compromisso assumido com Santino. Só após serem decorridos quase dois meses, lembrou-se do penhor e remeteu carta registrada, acompanhada de 100 cruzeiros para o resgate das alianças. Narrava também na mesma missiva a súbita morte do pai, sua nova condição de comerciante, a impossibilidade de prosseguir nos estudos e, afinal, demonstrava a eterna gratidão pelo favor que lhe fora prestado em hora tão difícil.

De posse do dinheiro, Santino correu para à casa de penhores. No meio do caminho, dentro do bonde que o levava pela rua dos Barés, assaltou-lhe ao pensamento um mau presságio: se o judeu já tivesse vendido as alianças? Eram decorridos mais de dois meses e o resgate não tinha sido executado em tempo hábil. Procurou afastar da cabeça a péssima idéia.

Recordou-se, então, como as alianças foram cair em suas mãos. O pai ficara viúvo aos trinta e cinco anos. Os irmãos da mãe de Santino pleitearam adotar as crianças. Duas meninas e um menino. O pai foi irredutível. Não precisava do auxílio de ninguém. Não estava na miséria para fazer doação dos filhos. Criaria-os e saberia muito bem como educá-los.

Após cinco anos da morte da esposa, o velho apaixonou-se por uma jovem de 20 anos, 20 anos mais nova do que ele. A moça, que correspondia aos apelos amorosos, mais por interesse econômico do que por amor, impôs uma condição para o casamento. Contrairia núpcias desde que o viúvo se desfizesse dos filhos.

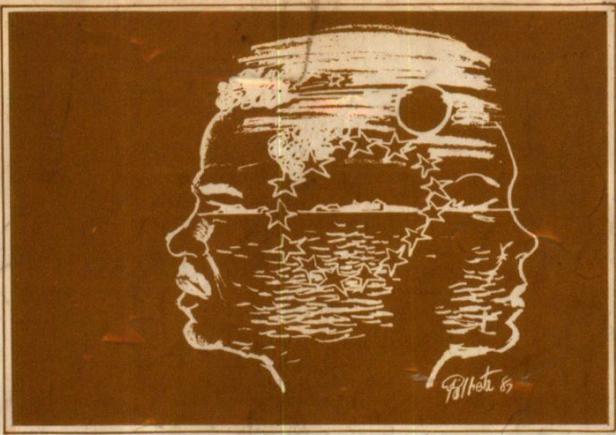
Dominado pela paixão avassaladora — quem pode conter o ímpeto de um quarentão apaixonado? — os meninos foram entregues aos tios maternos. O menino, encaminhou para o irmão e as meninas para as irmãs da falecida. O pai, na despedida, ofereceu a cada um dos filhos um mimo, objetos usados pela primeira esposa. Coube a Santino o par de alianças do casal, que embora não representasse grande valor material, era inestimável, por ser uma lembrança da mãe. Na casa do judeu procurou pelas alianças. O agiota aparentou indiferença. Diante da insistência de Santino, que disse ser o dono das jóias e que as penhorara para salvar um colega da apertura, o judeu decidiu-se a interessar-se. Retirou da gaveta um pacote de cautelas, que depois de meticuloso exame, mostrou uma:

— Está aqui. Foram vendidas por decurso de prazo.

Santino ficou frio e mais pálido. Experimentou frustração enorme. Com o coração amargurado, como se tivesse sido atingido por flecha veloz e afiada, teve ainda ânimo de perguntar ao judeu se conhecia a pessoa a quem as alianças tinham sido vendidas, na esperança de recuperá-las. O agiota respondeu que não se lembrava. Alegou que lidava com muitos fregueses e era impossível gravar as fisionomias de todos eles.

Em verdade, não vendera as jóias. Guardara-as porque o valor era maior do que a penhora. Superior a quinhentos cruzeiros. E, na hipótese de aparecer um casal enamorado, que simpatizasse com as alianças, seria admissível que as comprasse até por mil.

Santino voltou para casa amargurado. Sentia-se como se estivesse cometido pecado mortal. Perdera a única lembrança da mãe que pretendia guardar pela vida inteira. Na resposta que fez a Cupertino, acusando o recebimento do dinheiro, citou o lamentável episódio. O ex-colega, na contra-resposta, prometeu comprar igual par de alianças, tão logo fizesse a primeira viagem a Manaus. As novas jóias para Santino não teriam o mesmo valor, chorou copiosamente pelas alianças perdidas, após a leitura da segunda carta do amigo.



O COLAR DE ESTRELAS

Quando percebeu que os homens não mais a procuravam e não tinha condições de competir com as cabrochas do interior, algumas cheirando a leite, Cordolina abandonou a casa da rua Frei Josè dos Inocentes, onde fez a vida por seguidos e longos anos. Não era mais a cabocla moça, procedente de Coari, com sorriso franco, dentes alvos, seios exuberantes e nàdegas rebolativas. Perdera no meretrício o vigor da juventude. Deu adeus à prostituição, arrumou seus bregueços, montou um barraco a beira do Rio Negro, em Educandos, e passou a viver dos seus dotes culinàrios.

No principio, a vida foi dura. A primeira enchente do Negro quase lhe leva o barraco, com ela dentro e seus pertences. Desmanchou este, montando-o mais acima do beiradão, de forma que ficou imune às enchentes posteriores.

Os frequentadores do barraco de Cordolina eram raros. Pescadores e interioranos que labutam no beiradão de Educandos. Com o tempo, sua fama de boa cozinheira firmou-se. Atravessadores, contrabandistas e traficantes de maconha passaram a freqüentar a casa para comer jaraquis, sardinhas e pacus fritos, sempre acompanhados de boa cachaça. Atè boêmios notivagos passaram a baixar na cozinha de Cordolina, onde curtiam prosas, refrescavam-se com a brisa do rio e declamavam versos à lua.

O negòcio de Cordolina prosperou. Ela viu-se obrigada a contratar duas empregadas. Uma como auxiliar de cozinha e outra como garçonete. Comprou geladeira para vender a cerveja bem geladinha ao gosto dos fregueses. Jà não vendia apenas peixes miúdos. Preparava tambaquis na brasa, caldeiradas de tucunarès e um cozido de pirarucu fresco como ninguèm era capaz. Nessa altura, o barraco passou a ostentar uma placa com o pomposo titulo de "Bar e Restaurante Flor do Rio Negro".

Nessa fase de prosperidade, surgiu o mulato Ranulfo. Não se sabe como e donde ele veio. Sabia-se apenas que era eximio jogador de baralho. Freqüentava as baiucas mais sòrdidas da cidade e tristes daqueles que se aventurassem a cartear com ele. Seriam trapaceados inevitàvel e implacavelmente. Suas trapaças eram tão ostensivas, que algumas casas de jogatina fecharam-lhe as portas.

Ranulfo frequentava com pontualidade o "Bar e Restaurante Flor do Rio Negro" todas as segundas-feiras. Nos demais dias da semana desaparecia e entregava-se ao carteado de corpo e alma para sobreviver. Primeiro, porque o movimento das segundas era diminuto e segundo, porque ele se sentava de preferência num canto para não ser observado.

Uma das meninas de Cordolina — a que servia no salão — uma noite chamou a atenção da patroa:

— Madrinha, aquele mulato do canto, que só aparece aqui nas segundas, todas as vezes que vou servi-lo, faz perguntas sobre a vida da senhora.

— Diga-lhe, minha filha — respondeu Cordolina — que sou açaizeiro velho, onde não flora mais cacho.

O destino dos dois tinha encontro marcado, por arte de Deus ou do diabo. Certa noite, numa segunda-feira para ser preciso, tomava Ranolfo sua pinga e deglutia sardinha frita, quando um arruaceiro começou a fazer presepadas no salão. Era um sararà de caracteristicas nordestinas, peixeira em punho, a ameaçar os pacatos frequentadores do "Bar e Restaurante Flor do Rio Negro" e a dirigir palavras obcenas e ofensivas à proprietária.

Ranulfo, com calma espantosa, deixou a mesa onde estava sentado e encaminhou-se para o valentão, que ensaiou fazer uso da faca, aplicando-lhe violenta rasteira. O desordeiro caiu para um lado e a faca para outro. A seguir, pegou o sararà pelos fundos da calça, retirou-o do recinto, lançando-o na calçada da rua, onde ficou estendido, curtindo o porre, atè que passaram dois policiais da ronda noturna, que o levaram para melhor sarar a bebedeira no xadrez. Ranulfo pegou a arma, que ficara jogada no salão, aproximou-se de onde Cordolina comandava o estabelecimento e, sem rodeios, fez-lhe a oferenda:

— Prenda minha — disse — guarde este troféu de guerra. Entrego-lhe a faca. Ranulfo, o andarilho, às suas ordens.

Apanhada de surpresa, assustada ainda com a briga, Cordolina não teve sequer uma palavra de agradecimento. Prosseguiu em seu atarefado trabalho, enquanto Ranulfo voltou à mesa, pediu mais uma meiota de aguardente e sardinhas para tira-gosto. Seria capaz de emborcar três garrafas sem denotar embriaguês, a não ser a vermelhidão dos olhos, que se assemelhavam a faiscas saidas da brasa.

Madrugada alta, noutra oportunidade, quando o salão estava quase vazio, Cordolina aproximou-se da mesa de Ranulfo. Desejava saber quem ele era. O homem levantou-se e puxou uma cadeira, mesuroso, convidando-a para sentar-se. Cordolina aquiesceu.

— Nesse momento — confidenciou Ranulfo — estava contemplando as estrelas (apontou com a mão para o ceu) e pensava em fazer um colar delas para lhe ofertar, prenda minha.

Cordolina riu-se embaraçada, mas gostou do galanteio. A conversa prolongou-se atè o sol raiar. Houve indagações sobre indagações e Ranulfo, caladão, respondia de forma monossilàbica. Fascinada pelo olhar matreiro do companheiro, Cordolina rebocou-o para o quarto de dormir, anexo ao "Bar e Restaurante Flor do Rio Negro" e vadiaram na cama como dois quarentões experimentados.

O xodó entre Ranulfo e Cordolina durou pouco. Três meses se muito. Foi amor sem comprometimento, só às segundas, quando Ranulfo aparecia. Para Cordolina esses encontros foram como o despertar da primavera tardia dentro de seu coração. Ranulfo, sempre caladão e cada vez com maiores mesuras, satisfazia a fome de sexo da companheira. Às vezes era obrigado ao bis, por imposição dela. Mas, como apareceu, de modo misterioso, desapareceu. A proprietária do "Bar e Restaurante Flor do Rio Negro" ficou desolada com o sumiço. Contratou um investigador de polícia para descobrir o paradeiro de Ranulfo. Uma semana depois, o tira apareceu com a informação de que o homem tinha viajado num gaiola para Porto Velho.

Só então Cordolina compreendeu porque Ranulfo se intitulava de andarilho. Alimentou, por longo periodo, dentro do peito amargurado, a esperança de vê-lo de volta para lhe ofertar, como prometera, o colar de estrelas.

O PORTA-AVIÕES

O nome contrastava com o fisico. O primeiro era grande: Pantaleão. O segundo era acanhado: diminuto. Apesar da estatura baixa, Pantaleão era caboclo forte, enrigecido pela dureza da vida.

Como piloto fluvial era disputado pelas companhias e proprietàrios de embarcações. Um motor nas suas hàbeis mãos tinha mais garantia do que seguro nos bancos. Não havia rebojo, ventania ou tempestade que o intimidasse. Nem a cobra grande, a quem a superstição popular atribuia a origem de muitas tragèdias nos rios, amedrontava-o.

Tinha 35 anos no mínimo ou 40 no màximo. Dificil precisar a idade dum caboclo que desde a infância viveu dentro de embarcações, rio acima e rio abaixo, como se estivesse cavalgando um corcel, ora manso, ora indòcil.

Nunca se casara. Na sua concepção o maritimo não devia contrair matrimônio. Quem o fizesse estaria fadado a viver estigmatizado com um par de chifres na cabeça.

Todos os fins de mês, ao receber o salàrio, estivesse onde estivesse, no pernoite dum vilarejo da linha ou na capital, tinha sua noite de almirante. Procurava sempre as mulheres. Se uma fosse do seu agrado seria capaz de gastar numa noite o que ganhara no mês do àspero trabalho.

Empregado da firma Andrade & Cia, proprietària do barco "Pèrola do Solimões", cobria a rota Manaus-Tefè, com escala em vàrios municipios, conduzindo passageiros e cargas. Coincidiu certo dia, quando o barco estava ancorado na Escadaria dos Remèdios, onde passaria dois dias parado, receber o salàrio mensal. Na primeira noite, metido no seu melhor terno, dirigiu-se ao sòrdido bar "Guia dos Navegantes", pròximo do cais, onde sempre frequentava para tomar conhaque e matar a fome do sexo, caso aparecesse cabrocha que lhe inspirasse simpatia.

Jà tomara algumas doses, quando apareceu no boteco uma loura, mulherão, tipo exòtico, bem diferente das caboclas da terra. Ao divisà-la, à entrada, ficou enfeitiçado.

— Isso não è mulher — pensou — e um porta-aviões

Pensou em convidà-la para sentar-se à mesa onde estava. Deixou de fazê-lo por timidez. Poderia ser desfeiteado. A loura, rolando a bolsa na mão direita e balançando as ancas, dirigiu-se ao balcão do bar. Comprou um maço de cigarros. Acendeu um e colocou o restante na bolsa. E passou a percorrer as mesas.

Pantaleão percebeu, pela mini-saia exagerada, que a loura tinha coxas alvas e grossas e, pelo decote generoso do vestido, notou a exuberância dos seios. Voltou-lhe à cabeça o pensamento inicial.

— È realmente um porta-aviões.

Diante da mesa do piloto fluvial a loura parou e, sem qualquer cerimônia, indagou:

— Posso sentar?

Surpreendido com o brusco oferecimento, Pantaleão limitou-se a uma exclamação:

— Hum!

— A mulher, insinuante, insistiu:

— Paga um guaranà?

Ao fazer a ultima pergunta, sem o assentimento do piloto, puxou a cadeira e sentou-se. Pantaleão chamou o garçon e ordenou que trouxesse o guaranà e mais um conhaque. Dentro de instantes estavam os dois conversando como se fossem velhos conhecidos.

O porta-aviões, sem que o maritimo solicitasse, declinou o nome. Chamava-se Jane. E, sem mais preàmbulos, contou sua vida. Era paulista e viuva. O marido morrera em Porto Velho depois de contrair malària num garimpo do rio Madeira. Não tivera outra opção senão enveredar pelo caminho da prostituição.

— Aqui — confessou, cinica — pretendo encontrar o ouro que o falecido não encontrou na garimpagem.

— Hum! — observou Pantaleão, na sua linguagem monossilàbica.

Depois de trocarem algumas caricias, madrugada alta, os dois deixaram o "Guia dos Navegantes". Na rua deserta, onde só os cães vadios passavam, demoraram cerca de cinco minutos, atè que passasse um tàxi.

Dirigiram-se, em seguida, à Avenida Joaquim Nabuco, e entraram numa casa de cômodos, onde Jane alugava quartos para seus encontros amorosos. No interior do cubiculo, o piloto jogou a capanga sobre a mesa e colocou o paletò no espaldar da cadeira. Jane, que não se desfizera de nenhuma das peças do seu vestuàrio, disse:

— Perai, bem. Você tà muito alto. Và tomar um banho primeiro. Depois faço o que o amorzinho quiser.

Após a recomendação, abriu a porta do quarto e apontou para o banheiro no fundo, no final de longo corredor do vetusto casarão.

— O banheiro è ali — apontou com o dedo.

— Hum — respondeu o piloto fluvial e tomou o rumo do local indicado.

O banho foi ràpido. Mas, quando voltou ao quarto, uma surpresa o aguardava. Jane tinha desaparecido. Chegou a chamà-la pelo nome em voz alta sem obter resposta. Embora sob o efeito do àlcool, percebeu o logro em que tinha caido e, institivamente, procurou a capanga que permanecia em cima da mesa. Ao abri-la constatou que não ficara um centavo. Felizmente os documentos estavam intactos.

Recompôs-se, calçando os sapatos e vestindo o paletò, e saiu. Na portaria encontrou uma velha que cochilava. Indagou por Jane. A mulher respondeu que saira, porque o homem com quem se acompanhara estava muito èbrio e dormia. Só não teve maiores complicações à saida porque o pagamento da espelunca tinha sido feito por antecipação.

Na rua, com a manhã que começava a raiar, mal se sustentando nas pernas, Pantaleão sentou-se no meio fio e encostou-se no poste da iluminação. Teve, então, reflexão de extraordinària lucidez:

— Piloto fluvial não deve navegar em porta-aviões...!

PERI AUGUSTO

APRESENTAÇÃO

Mário Ypiranga Monteiro classifica Peri Augusto como o maior contista da vida urbana de Manaus, aparecido nos útimos tempos. Carlos de Araújo Lima diz que ele escreve com a volúpia de quem pratica um ato sexual. Já Arthur Engrácio assinala que os contos de Peri Augusto constituem um painel representativo da vida moderna num país subdesenvolvido, onde a pobreza não tem opção.

Outros nomes de projeção das letras amazonenses saudaram com entusiasmo os livros de Peri Augusto: "TIA GENOVEVA", sátira política, "CATARINA E OUTRAS ESTÓRIAS CURTAS DE AMOR" e a "VIÚVA FANÁTICA", contos.

Peri Augusto revelou-se como ficcionista no Amazonas. Dedicou sua vida inteira ao jornalismo. A não ser um ensaio — "TRILHA DO CANGAÇO" — série de reportagens publicada em vários jornais do País, jamais publicara um livro. Radicado em Manaus, onde se encontra há oito anos, quando foi trazido do Rio por Umberto Calderaro Filho para dirigir o jornal "A CRÍTICA", passou a dedicar-se à ficção, tendo, além dos livros publicados, um romance inédito que deve ser lançado certamente no decorrer de 1985.

Peri Augusto Bezerra nasceu a 10 de fevereiro de 1920, na cidade de Cedro, no sul do Ceará. Passou a infância em Lavras da Mangabeira, região cearense, que também é terra dos seus pais, Manoel Alves Bezerra e Petronila Augusto Bezerra, que ele considera seu torrão natal.

Fez o curso primário, parte no Grupo Escolar de Lavras da Mangabeira e parte no Colégio São Francisco de Assis, dirigido por frades franciscanos, na cidade de Canindé. O curso ginasial fê-lo no Instituto São Luiz de Fortaleza. Quando fazia o primeiro ano pré-jurídico, no Liceu do Ceará, abandonou os estudos para trabalhar na imprensa. Começou no "Unitário", jornal dos "Diários Associados" de Fortaleza, dirigido na época pelo atual senador João Calmon. De repórter policial, passou à crônica esportiva trabalhando alternativamente no já mencionado "Unitário" e no "Correio do Ceará" e "Ceará Rádio Clube — PRE-9, todos "Associados".

Atraído pelo jornalista Paulo Sarasate, passou a integrar o corpo redacional de "O Povo", também de Fortaleza, com a responsabilidade da cobertura política do jornal. Suas idéias, porém, não afinavam com os dos dirigentes de "O Povo", integrantes da antiga UDN.

Desiludido da imprensa cearense, como ele próprio diz, passou a cumprir seu destino de cearense, percorrendo mundo. Trabalhou durante nove anos nos jornais "Folha do Norte" e "Folha Vespertina", de Paulo Maranhão, no Pará, tendo alcançado a função de secretário do primeiro, que era o carro-chefe da Empresa.

Na eleição de 1955, em Belém do Pará, foi candidato a vereador, numa terra em que não tinha um parente sequer. Mesmo assim, obteve uma das maiores votações nominais, deixando de ser eleito pela legislação eleitoral da época, porque o seu partido — Partido Socialista Brasileiro — não atingira coeficiente eleitoral.

Decepcionado com o fracasso eleitoral, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou nos jornais "Ultima Hora", "Diário da Noite", "A Notícia" e "O Dia". Na "Última Hora", dirigida por Samuel Wainer, conquistou todas as posições dentro do jornal, culminando com a nomeação para direção da agência de notícias, o que lhe permitiu percorrer todos os Estados em que a "Última Hora" tinha jornais: São Paulo, Belo Horizonte e Recife. Foi um dos fundadores da UH de Pernambuco.

Estava na "Última Hora" de Recife, onde devia permanecer como um dos dirigentes do jornal, quando Samuel Wainer, por necessidade, o mandou de volta ao Rio. Logo depois rebentou a revolução de 64, sendo presos todos os dirigentes da UH pernambucana, o que teria ocorrido também com ele se não tivesse a proteção do santo "Padre Cícero"...

Aos 65 anos de idade, Peri Augusto apegou-se a Manaus, onde pretende passar os últimos anos de sua vida, tanto que comprou uma casa para fixar residência definitiva. Mas a casa, porém, não pode ser tida como fator de fixação, porque ele também possui imóveis no Rio, João Pessoa e Fortaleza e pode, de um momento para outro, cumprir seu destino de cearense, como ave de arribação. E sua esposa, D. Maria das Mercês Augusto Bezerra, companheira ao longo de 34 anos, acostumada ao ritmo de vida dele, revela que faz uma mudança dentro de 24 horas.

Para Peri Augusto, sua maior realização na vida foi o nascimento do único filho — Antonio Augusto — que faz o curso de Economia no Rio de Janeiro. Tem duas filhas adotivas, que lhe deram três netas, nas quais se amarra com muita ternura.

Editado em março de 1984, na Administração do Excelentíssimo Senhor Professor Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo, Governador do Estado do Amazonas, e da Professora Freida de Souza Bittencourt, Secretária de Estado da Educação e Cultura.
Manaus, Amazonas, Brasil.
Projeto Visual e Editorial: Sérgio Vieira Cardoso, Coordenador de Assuntos Culturais.
Ilustrações: Jorge Palheta.

As Edições Arte Educação objetivam a produção de trabalhos com os autores locais, para a divulgação e o conhecimento dos estudantes e da comunidade amazonense.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA
COORDENADORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS.
Governo Gilberto Mestrinho

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA